



# SEÇÃO DO CANDIDATO

À

# ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

N. 4-59

Coordenador: Cel João Bina Machado.

## I — A INFANTARIA NO ATAQUE

### 1. GENERALIDADES

a) A missão da Infantaria na ofensiva é atacar o inimigo e destruí-lo ou capturá-lo.

b) O RI, normalmente, ataca no âmbito da Divisão em íntima coordenação com os demais elementos divisionários.

c) Poderá, entretanto, quando convenientemente reforçado, atuar independentemente durante prolongado tempo.

d) Na ofensiva, os elementos do RI se distribuem geralmente por:

- |                      |   |
|----------------------|---|
| — escalão de combate | { elementos de reconhecimento e segurança |
|                      | { elementos de ataque                     |
|                      | { elementos de reserva                    |
| — escalão de serviço | { órgãos de serviço                       |
|                      | { elementos de suprimento                 |
|                      | { elementos de saúde                      |

e) O RI atua, sempre que possível, apoiado por carros que imprimem mais velocidade e potência ao ataque.

### 2. FORMAS DE ATAQUE

Três são as armas de ataque:

a) *Combate de encontro:*

- choque de duas forças não convenientemente preparadas;
- o fator tempo é de importância capital, atacar, antes que o inimigo o faça, numa direção decisiva;
- a surpresa deve ser procurada;
- ação de vanguarda resultando quase sempre em ataques parcelados;
- engajamento progressivo das unidades;

- apoio de fogos descentralizado;
- rapidez sobrepõe-se à coordenação.

b) *Ataque contra postos avançados, resistências descontínuas ou posições retardadoras:*

— a frente, a profundidade e os flancos das posições não são, em geral, facilmente determináveis;

— este ataque é, normalmente, realizado pelos elementos de 1º escalão, que na marcha para o combate procuram:

- primeiro, recalcar o inimigo;
- em seguida, desbordá-lo a fim de destruí-lo ou obrigá-lo a retirar.

c) *Ataque contra uma posição organizada:*

- reconhecimentos demorados;
- planejamentos completos;
- concentração de meios;
- coordenação perfeita;
- máxima centralização.

### 3. TEMPO NECESSÁRIO PARA O LANÇAMENTO DE UM ATAQUE

O tempo exigido para o lançamento de um ataque coordenado depende de vários fatores, como sejam:

- tempo necessário para reconhecimentos;
- tempo necessário para planejamento, expedição e difusão de ordens;
- tempo necessário para os deslocamentos da tropa e das unidades de apoio, para as posições de ataque;
- grau de instrução e experiência de combate da tropa atacante.

*Observação:* Como dado didático, para emprêgo na ESAO, admite-se que o RI pode lançar-se ao ataque 6,00 horas após o recebimento da missão, 4 das quais de luz.

### 4. PROCESSOS DE ATAQUE

a) A Infantaria ataca sempre pela combinação de:

- *fogo* — que infringe perdas ao inimigo;
- *movimento* — que aproxima e torna eficaz o próprio fogo;
- *ação de choque* — que completa a destruição do inimigo.

b) Esta combinação de fogo, movimento e ação de choque é igualmente aplicável às três formas de ataque vistas acima.

### 5. FORMAS DE MANOBRA NO ATAQUE

Duas são as formas primárias de ataque:

- desbordamento;
- penetração.

a) *Desbordamento* (Fig. 1):

- visa o flanco ou a retaguarda do dispositivo dos grossos inimigos;
- tem em vista um objetivo atrás das suas linhas de frente;
- procura cercar uma certa parte da força inimiga;
- normalmente, combinado com um ataque secundário frontal;
- desencadeado antes que o inimigo apoie seus flancos;
- obriga o inimigo a bater-se em duas direções;
- evita o choque principal, em terreno escolhido pelo inimigo;
- reduz as perdas;
- produz resultados decisivos.

## (1) Modalidades de desbordamento:

## (a) Duplo desbordamento (Fig. 2):

- levado a efeito em ambos os flancos do inimigo;
- executado por três grupamentos de forças principais:
  - dois para o desbordamento;
  - um para o ataque secundário frontal.
- pressupõe a existência de numerosos meios;
- requer amplo espaço e tropa desenvolvida em ampla frente contra inimigo instalado em frente muito mais estreita.

(b) *Envolvimento* (Fig. 3):

É uma modalidade de desbordamento quando se busca um objetivo mais profundo e, neste caso, requer uma manobra mais ampla em torno do dispositivo inimigo:

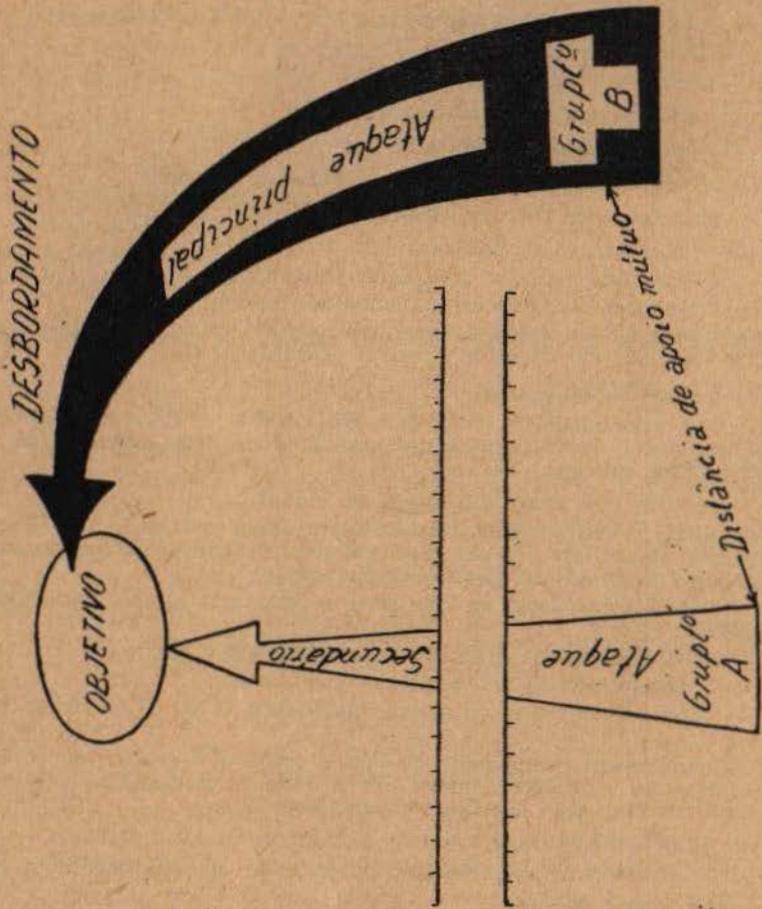
- contorna as principais forças do inimigo;
- não há apoio mútuo (distância de apoio mútuo é a distância entre duas forças que permite a uma delas mover-se e auxiliar a outra antes que esta possa ser derrotada pelo inimigo);
- impõe a existência de uma reserva altamente móvel, geralmente, motorizada;
- cada grupamento deve ser suficientemente forte;
- a descentralização do comando é necessária;
- adequado às forças de grande mobilidade (Cav, Bld e forças motorizadas);
- normalmente empregado quando o objetivo à retaguarda do inimigo pode ser conquistado antes que a força envolvente se veja empenhada em uma ação de maior envergadura;
- requer dissimulação e sigilo.

## (2) A manobra de desbordamento deve ser adotada quando:

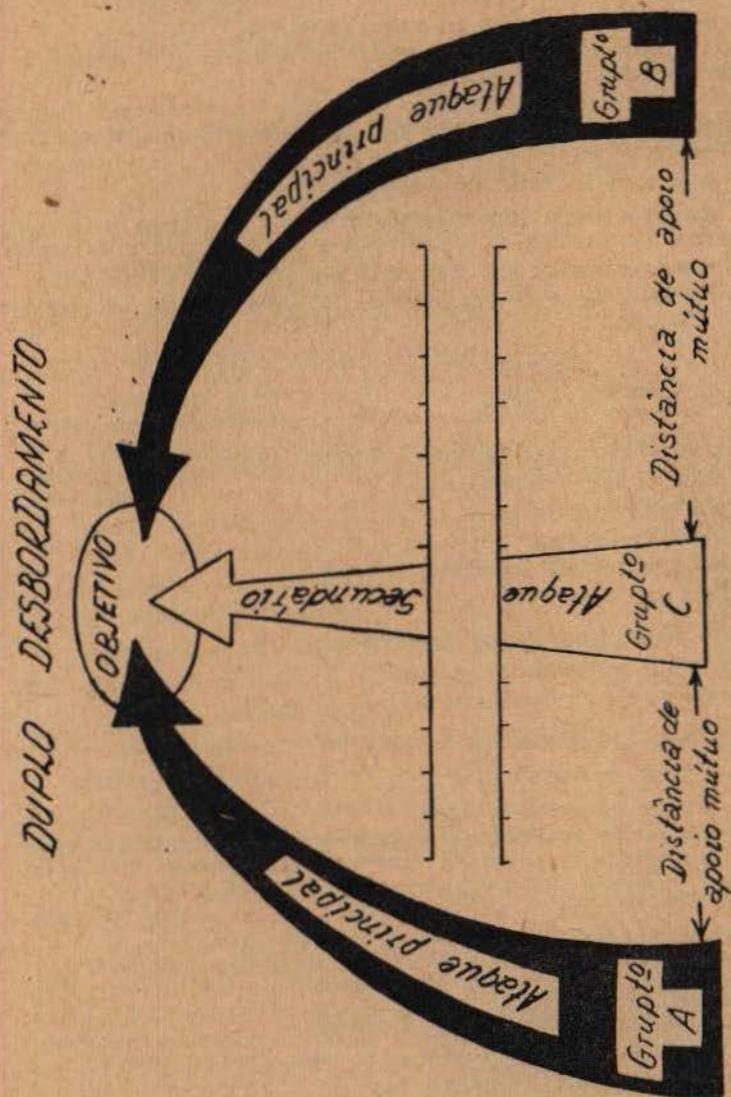
- há tempo disponível;
- existem flanco ou flancos descobertos;
- há meios suficientes;
- permite a conquista do objetivo em tempo útil.

b) *Penetração* (Fig. 4):

(1) É a manobra cujo esforço é feito diretamente contra uma porção da frente ocupada pelas forças principais do inimigo, atravessando o terreno por ele ocupado e dirigido contra um objetivo à sua retaguarda.



(Figura n. 1)



(Figura n. 2)

(2) A penetração visa:

— romper a posição inimiga e abrir uma brecha a fim de criar flancos;

— alargar a brecha lançando-se sobre os flancos criados;

— procurar envolver um ou ambos os flancos.

(3) O alargamento da brecha pode ser iniciado antes mesmo de se completar o rompimento.

(4) Conquistando o objetivo, o sucesso da penetração pode ser aproveitado para ações posteriores em um ou em ambos os flancos da posição inimiga.

(5) A penetração deve ser adotada:

— quando o tempo disponível não permite a montagem de outro tipo de manobra (a manobra de penetração é de montagem mais rápida);

— quando o terreno e a observação são favoráveis a penetração;

— quando é de excessiva extensão a frente inimiga, não havendo, portanto, flancos.

## 6. PREPARATIVOS PARA UM ATAQUE

a) As ordens da Divisão prescrevem, normalmente, para o RI:

— uma missão (geralmente um objetivo a conquistar);

— zona de ação compatível;

— unidades à disposição;

— unidades de apoio;

— linha de partida (geral);

— hora de ataque.

b) O RI de posse destas prescrições:

— procede ao estudo de situação;

— executa seus reconhecimentos;

— elabora seu plano de ataque:

— plano de manobra;

— plano de apoio de fogos.

c) O plano de manobra visa ao emprêgo dos elementos de manobra do RI — os seus 3 BI — para o cumprimento da missão.

Deve compreender:

— objetivos dos BI;

— ataque principal;

— ataque secundário;

— missões específicas para as unidades;

— direção de ataque;

— zonas de ação;

— linha de partida (detalhada);

— hora de ataque;

— localização, missão inicial e provável emprêgo da reserva;

— medidas iniciais de segurança.

d) O plano de apoio de fogos regula o apoio de fogos para os elementos de manobra:

- coordena o emprêgo de tôdas as armas coletivas de:
  - infantaria;
  - artilharia;
  - outras unidades de apoio.

#### 7. OBJETIVO

a) Deve ser bem definido e sôbre êle são coordenados todos os esforços.

b) natureza:

- reunião de tropas;
- ponto crítico do terreno;
- nó de comunicações;
- região vital da retaguarda inimiga.

c) Características de um objetivo:

— conquista possível dentro das condições de tempo e espaço impostos pela missão;

— sua posse deve assegurar a destruição do inimigo nas próprias posições ou, pelo menos, a ameaça de sua conquista deve compeli-lo a evacuá-las;

- permitir a convergência de esforços;
- ser facilmente identificável;
- facilitar as operações ulteriores.

d) Escolha dos objetivos:

Deve levar-se em conta as razões táticas e técnicas.

Razões táticas:

- a forma da ação ofensiva;
- a necessidade de segurança e coordenação.

Razões técnicas:

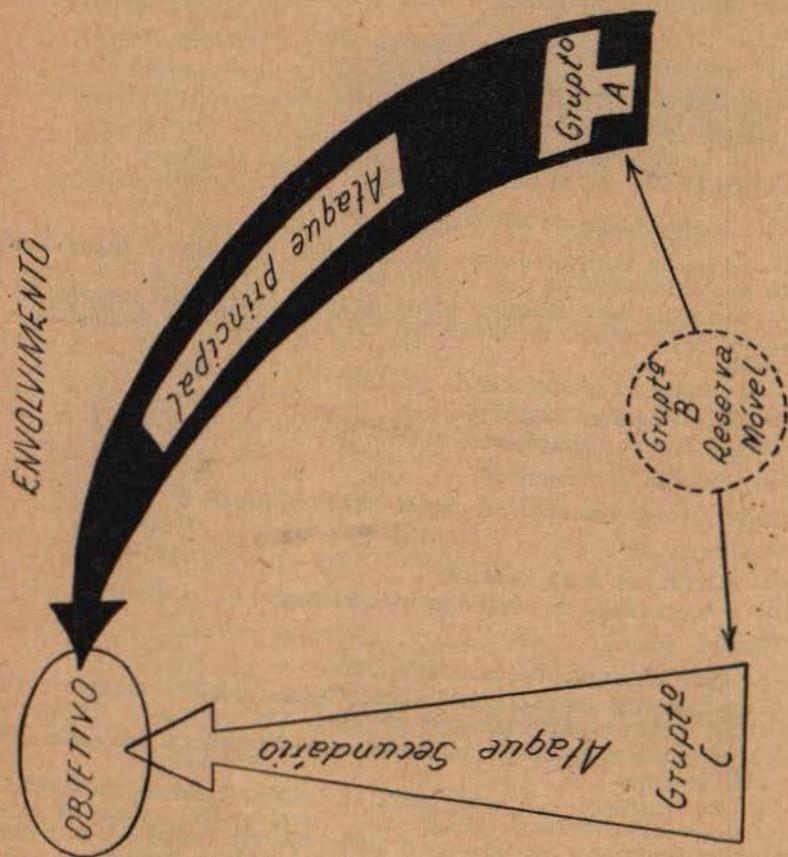
- apoio de fogos (alcance das armas);
- necessidade de fogo para a conquista do objetivo, durante a parada nêle, e para o prosseguimento da ação;
- possibilidade dos meios, particularmente blindados e artilharia (número de grupos).

e) Os objetivos vêm consignados na missão, cabendo ao comando dos elementos subordinados reparti-los e fixar, se fôr o caso, os objetivos intermediários e atribuí-los aos elementos que realizam a manobra.

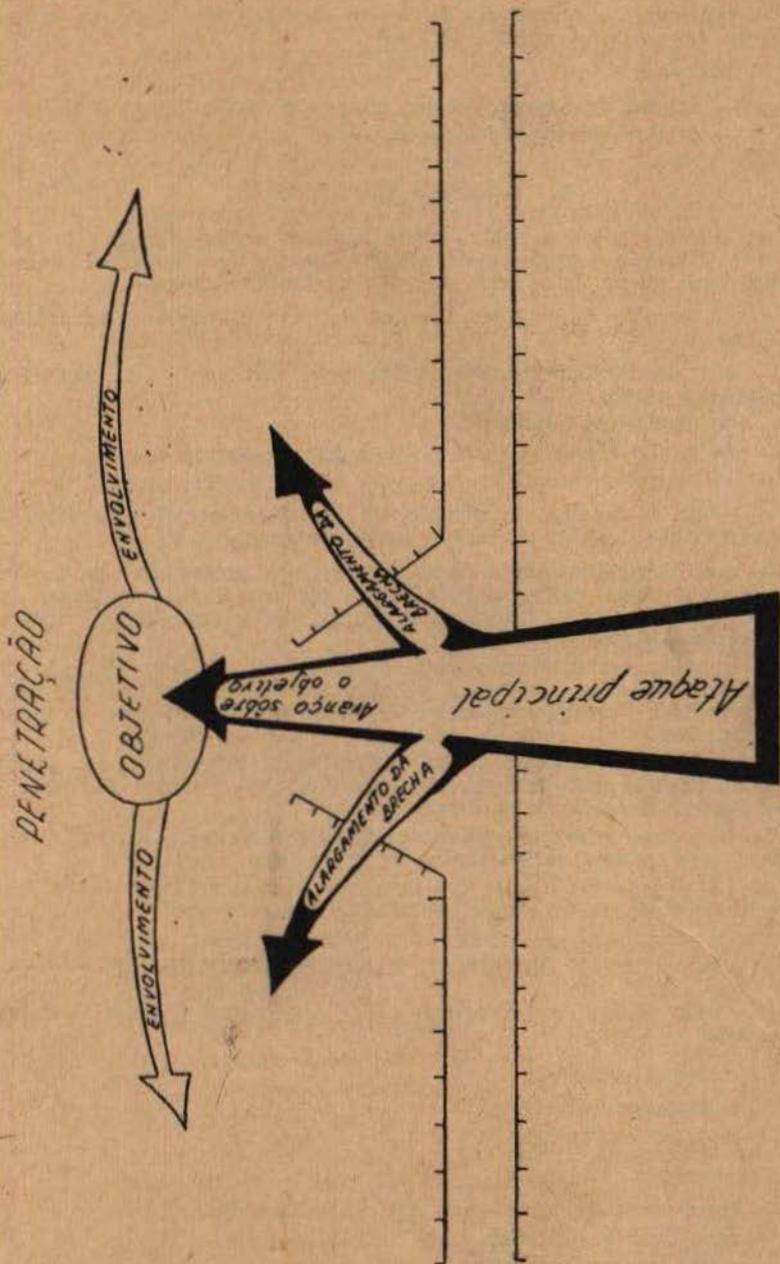
f) Em princípio, quando as necessidades de coordenação e segurança não impuserem outros, o 1º objetivo fixado deve coincidir com aquêle que é imposto pelas necessidades de apoio.

g) Para o caso de posição organizada (terreno favorável, inimigo bem preparado) cujo combate prevê-se difícil e demorado, o 1º objetivo deve ser batido pelo máximo das armas de ataque, de suas posições iniciais.

h) Só se marca objetivo quando se encontra justificativa para tal.



(Figura n. 3)



(Figura n. 4)

- i) os objetivos se classificam em *próximos* e *distantes*:
- *próximos* — suscetíveis de serem apoiados por tôdas as armas de apoio das posições iniciais de tiro;
  - *distantes*:
    - exigem deslocamentos das armas de apoio;
    - exigem objetivos intermediários.

## 8. DIREÇÃO DE ATAQUE

- a) Direção sôbre a qual o chefe mantém o dispositivo.
- b) A direção consignada na missão pode ser decomposta em outras e neste caso, numa delas será realizado o ataque principal.
- c) A escolha da ou das direções de ataque baseia-se na análise cuidadosa:
- das possibilidades apresentadas pelo terreno (particularmente quanto Art e carros);
  - do dispositivo inimigo;
  - do tempo disponível para a montagem da operação.
- d) É um elemento de coordenação.
- e) Para a escolha da direção de ataque principal procede-se à comparação das direções de ataque considerando-se:
- que os caminhamentos mais favoráveis à progressão são os que se estendem pelas cristas longitudinais, que constituem as linhas de menor resistência, pois dificultam a defesa, dissociando-lhe os fogos e dificultando o Cmdo;
  - que os caminhamentos mais desfavoráveis à progressão são os que atravessam zonas pantanosas, cobertas de mata densa ou onde haja forte densidade de organizações de terreno e defesa poderosa, as quais dificultam bastante o emprêgo dos meios de que se dispõe;
  - qual o caminhamento que conduz mais diretamente ao ponto chave da posição inimiga (objetivo cuja conquista importa na desarticulação ou no rompimento da defesa).
- f) O ataque principal é determinado dentro de cada objetivo a conquistar; logo, poderá variar dentro de uma mesma operação.
- g) A direção de ataque é fixada por pontos notáveis do terreno e complementada, se necessário, pelo azimute magnético.

## 9. ATAQUE PRINCIPAL E ATAQUE SECUNDÁRIO

- a) Todo ataque comporta duas ações, sendo uma principal e outra secundária.
- b) *Ataque principal*:
- conquistar o objetivo;
  - destruir o inimigo.
- Caracteriza:
- forte apoio de fogos (Art, Art AAé, Aé e Bld);
  - zona de ação estreita;
  - meios em profundidade.

c) *Ataque secundário:*

## Visa:

- auxiliar o ataque principal;
- cobri-lo ou enquadrá-lo;
- dificultar ao inimigo o jôgo das reservas e forçá-lo a empregá-las prematuramente e em região de menor importância;
- conquistar objetivos que contribuam para o sucesso do ataque principal;
- impedir que reforços a frente do ataque principal.

## Caracteriza-se:

- pouca profundidade;
- pequenas reservas;
- zonas de ação mais larga do que no ataque principal;
- máxima potência de fogo no escalão de ataque.

*Nota.* — Não se designa nas ordens qual o ataque principal e qual o ataque secundário; êles são diferenciados:

- pela designação de objetivo;
- pelo dispositivo das unidades;
- pelos fogos de apoio;
- pela variação da largura da Z Aç.

d) Em certas situações, torna-se impraticável para o Cmt do RI determinar inicialmente quando e onde executar o ataque principal.

Em tais casos, ataca com igual força ao longo de tôda a frente e conserva forte reserva e mantém contrôle direto sôbre as suas armas de apoio.

## 10. DISPOSITIVO DE ATAQUE

a) Resulta do acurado estudo da situação e deve ser escalonado em profundidade para permitir:

- flexibilidade da manobra;
- continuidade do ataque;
- segurança da operação.

b) A tomada do dispositivo é feita:

— pelo reajustamento do dispositivo, se a unidade já estiver em linha;

- pela entrada em linha.

c) Em qualquer caso se realiza:

- uma operação de substituição ou
- uma operação de ultrapassamento.

d) O dispositivo no RI visa:

- o emprêgo dos seus 3 BI (e Cia de carros, se fôr o caso);
- o dispositivo de ataque que compreende:
  - escalão de ataque;
  - base de fogos ou escalão de apoio;
  - reserva;

- para o caso do RI:
- o escalão de ataque é constituído pelas Cia de Fzo;
- a base de fogos é mobiliada pelas Cia PP/BI, Cia Mrt P 42 e Cia Can AC;
- a reserva é composta pelo BI ou elementos de fuzileiros de BI guardados como elementos de manobra;
- podemos ter um dos seguintes tipos de dispositivo no RI:
  - valor de 1 BI em 1º Escalão:
    - objetivo limitado;
    - situação obscura.
  - valor de 2 BI em 1º escalão:
    - caso normal.
  - valor de 3 BI em 1º escalão:
    - inimigo uniformemente forte em tôda a frente;
    - objetivos distantes em largura.
- o dispositivo é regulado pelos seguintes elementos:
  - missão;
  - terreno;
  - reforços disponíveis;
  - largura da Z Aç;
  - necessidade de segurança.

## 11. ZONA DE AÇÃO

- a) Zona designada para a unidade atuar e de inteira responsabilidade do comando da mesma.
- b) Deve ser definida por limites e geralmente atribuída de BI para cima.
- c) Deve ter largura suficiente para a manobra prevista.
- d) Os limites devem ser fixados de modo que não divida a responsabilidade de conquista do objetivo.
- e) Os limites devem ser facilmente identificáveis no terreno.
- f) Os limites devem, normalmente, passar ao longo das encostas, o mais alto possível.
- g) Os limites devem atingir:
  - para a frente, até, pelo menos, as posições de artilharia do inimigo e para a retaguarda, até encontrar o limite posterior da GU, ou até a altura das reservas das unidades que os prescrevem.
- h) Os limites devem sempre que possível incluir, por inteiro, localidades e estradas.
- i) Devem os limites ser fixados após a definição dos objetivos e das direções de ataque.
- j) A zona de ação deve ser tanto mais estreita quanto mais importante fôr o esforço a realizar pelo subordinado dentro da manobra do Cmdo superior.
  - l) A zona de ação vem imposta na missão.
  - m) É um elemento de coordenação do ataque.
  - n) Não se fixa limite para um flanco exposto ou quando há uma separação entre as unidades atacantes.

## 12. FRENTE DE ATAQUE

a) Os meios, normalmente, são insuficientes para atacar em toda a frente.

b). Deve ser eleita uma porção da Z Aç cuja dimensão corresponda às possibilidades dos meios; esta porção é o que se chama frente de ataque.

c). Às vezes, os meios facultam atacar em toda a frente, mas o terreno e o dispositivo inimigo poderão apresentar-se em condições tais que permitam o ataque em uma parte da frente com as mesmas possibilidades de êxito e com menor ônus em pessoal e material.

d) A frente de ataque, portanto, pode ou não coincidir com a largura da Z Aç e, normalmente, não coincide.

e) Decorre da análise da missão e da direção imposta; é iniciativa do comando considerado.

f) É elemento indispensável à execução.

g) Varia com:

- a missão a cumprir;
- os meios a utilizar;
- o poder combativo;
- o terreno;
- o apoio de fogos;
- o valor da posição inimiga.

Como dado didático, para emprêgo na EsAO, admite-se que um RI pode receber uma frente que varia de 1.000 m (um BI no escalão de ataque) a 6.000 m (3 BI no escalão de ataque).

## 13. LINHA DE PARTIDA

a) Visa coordenar a progressão das unidades que atacam.

b) Fácilmente identificável no terreno.

c) Localizada à retaguarda ou sôbre a última linha conveniente do terreno.

d) Coberta sempre que possível das vistas e dos tiros das armas portáteis do inimigo.

e) Quando não fôr coberta e abrigada não se deve ocupá-la, mas ultrapassá-la na hora H.

f) A tropa não deve combater para alcançá-la.

g) A sua escolha poderá ser deixada a critério do escalão subordinado quando não houver linha conveniente.

## 14. HORA DE ATAQUE

a) Geralmente prescrita pela Divisão.

b) Pode ser determinada:

- por uma hora prefixada;
- a um sinal estabelecido;
- após a execução de uma especificada ação tática.

c) Deve ser fixada de modo que os subordinados possam fazer seus preparativos e deslocar suas unidades para as respectivas posições de ataque.

d) Se o Cmt do RI fixar uma linha de partida atrás daquela fixada pelo Cmt da DI, deverá antecipar a hora de ataque por forma a ultrapassar a linha marcada pela Divisão na hora designada por esta.

#### 15. ZONAS DE REUNIÃO

a) Áreas em que as unidades ficam reunidas previamente para ulteriores ações táticas.

b) Durante as operações são usadas para:

- embarque e desembarque;
- alimentação e descanso;
- espera ou expedição de ordens;
- reorganização para o combate;
- preparativos para próximas operações.

c) Deve satisfazer às seguintes condições:

- ocultação contra a observação aérea e a terrestre;
- espaço suficiente para permitir a dispersão;
- abrigo contra tiros diretos;
- facilidade de acesso e saída;
- proteção contra ataques mecanizados.

d) No ataque, deve estar tão próximo das posições inimigas quanto o terreno e a situação do inimigo o permitirem (fora, entretanto, dos tiros eficazes das armas de pequeno alcance do inimigo, como Mrt).

e) Se o RI estiver motorizado, a distância da Z Reu à linha de contato poderá ser maior.

f) A principal finalidade da Z Reu consiste em preparativos para o combate:

- carregamento da munição;
- distribuição de rações ;
- distribuição de equipamento especial.

#### 16. POSIÇÃO DE ATAQUE

a) É a última posição ocupada pelas unidades de ataque antes de transporem a linha de partida.

b) Só as tropas que vão executar o ataque ocupam a posição de ataque (Cia Fzo e órgãos de fogo que acompanham o escalão de ataque).

c) A reserva, a artilharia e outras unidades que não constituem o escalão de ataque ocupam Z Reu ou posições de tiro.

d) Requisitos semelhantes aos das Z Reu e que permita fácil acesso a LP.

e) Localizada na última posição coberta e abrigada à retaguarda da linha de partida.

f) As vêzes, confunde-se com a Z Reu avançada.

g) Ocupada na ocasião mais próxima possível da hora do ataque.

## 17. SEGURANÇA

- a) O Cmt do RI é responsável pela proteção imediata de sua unidade.
- b) Se a ligação pela vista com a unidade vizinha não puder ser mantida, ou se fôr provável a perda de contato com ela, um elemento de ligação deve ser empregado.
- c) Uma flancoguarda deve ser estabelecida para um flanco externo ou, mesmo, para um flanco interno se a localização da unidade vizinha ou se o terreno permitir um contra-ataque de flanco por parte do inimigo.
- d) O valor dos elementos de segurança depende:
- do terreno;
  - da distância em que se acha a unidade vizinha;
  - das possibilidades do inimigo.
- e) Os elementos de ligação e destacamentos de segurança do flanco são fornecidos pela reserva ou pela unidade que se acha no flanco.

## 18. EMPREGO DA COMPANHIA ANTICARRO

- a) Proteção dos BI de 1º escalão.
- b) Proteção de todos os flancos descobertos.
- c) Proteção do posto de comando.

Nos dois primeiros casos, as armas anticarro poderão ficar à disposição das unidades de 1º escalão ou das que protegem o flanco.

- d) A dupla missão da Cia Can AC é:
- aumentar a potência de fogo e o poder de choque do RI;
  - cooperar na proteção anticarro do RI.
- e) A Cia poderá ficar tôda ou em parte à disposição dos RI.

## 19. EMPREGO DA COMPANHIA MORTEIRO PESADO 4.2

- a) *Dispositivo:*

- (1) Em apoio geral ao RI:

Quando fôr possível o contrôle de fogo da Cia por seu próprio Cmt (de uma só posição pode atuar em tôda frente do RI).

Neste caso, prioridade de fogos de certos pelotões para determinado BI.

- (2) Em apoio direto aos BI de ataque:

Quando não fôr possível o contrôle de fogo da Cia pelo seu Cmt (a zona de ação muito larga ou muito compartimentada).

- (3) À disposição:

Quando uma fração da Cia é posta à disposição de uma unidade, esta fração atua então como elemento orgânico desta unidade.

## (4) Em reforço:

Quando um elemento da Cia Mrt P é empregado em reforço de fogos de outro elemento de Mrt pesados.

b) *Missão*:

- destruir ou neutralizar tropas ou armas inimigas;
- lançamento de fumaça.

## 20. COMPANHIA DE CARROS DE COMBATE

(Caso dos RI que dispuserem de uma Cia de Carros, orgânica ou em reforço)

## a) Constitui para o RI um elemento poderoso:

- de manobra (normalmente);
- de apoio de fogo (excepcionalmente).

b) Afeta, assim, tanto o plano de manobra como o plano de apoio de fogos.

c) *Emprêgo*:

(1) Um ou mais pelotões de carros à disposição de cada BI de 1º escalão (caso em que toda a zona de ação é favorável ao emprêgo de carros).

(2) Toda a Cia de carros à disposição de um BI (caso de parte da zona regimental ser desfavorável ao emprêgo de carros).

d) *Processos gerais de emprêgo dos carros*:

(1) Os carros, inicialmente, permanecem na linha de partida, atirando de posições com deseniamento de torre e, progredindo rapidamente, juntam-se à infantaria quando esta se aproxima da distância de assalto.

*Emprega-se*:

- objetivo claramente definido;
- bons campos de tiro para os carros.

(2) Os carros transpõem a linha de partida a tempo de ultrapassar a infantaria durante a progressão ou depois desta atingir a distância de assalto.

*Emprega-se*: ataques fortemente apoiados por artilharia com espôleta de tempo.

(3) A infantaria e os carros, vindos de direções diferentes e deslocando-se por itinerários diversos, convergem sobre o objetivo (defasagem na transposição da linha de partida já que existe diferença de velocidade).

*Emprega-se*: quando o terreno e a defesa inimiga permitem a utilização de, pelo menos, dois itinerários, um para cada elemento.

(4) A infantaria e os carros deslocam-se, juntos, na mesma velocidade, durante toda a progressão, desde a linha de partida até o objetivo.

Emprega-se:

- visibilidade precária;
- zonas edificadas;
- bosques.

(5) Os carros parados atiram com desenfio de tórres, localizados na linha de partida ou em suas proximidades, executando tiros por cima de tropa ou pelos intervalos ou flancos, durante tóda a progressão, desde a linha de partida até o objetivo. (É o menos eficiente).

Emprega-se:

- obstáculos naturais ou artificiais impedem o movimento dos carros;
- quando há excesso de carros havendo outros já empregados nos processos acima.

## 21. CONDUTA DO ATAQUE

a) *Flexibilidade:*

- um ataque raramente é executado como foi planejado;
- o Cmt deve executar rigorosamente o seu plano, mas não o obedecer cegamente;
- deve dar ao escalão de ataque todo o apoio possível, enquanto tiver possibilidade de sucesso, variando a direção do ataque principal desde que a situação o aconselhe.

b) *Desencadeamento do ataque:*

- o ataque começa quando os elementos da testa do escalão de ataque atravessam a linha de partida;
- a partida das Zonas de Reunião é fixada e coordenada pelos Cmt de BI de sorte que os elementos da testa do escalão de ataque cruzem a LP na hora prescrita.

c) *Conduta de ataque:*

(1) O Cmt mantém-se continuamente informado:

- pelas visitas pessoais à frente;
- pelas informações recebidas:
  - do seu pessoal de informações;
  - dos oficiais do seu EM;
  - das unidades subordinadas;
  - das unidades vizinhas;
  - do escalão superior.

(2) O Cmt localiza-se onde melhor possa controlar o regimento:

- nos PO;
- no seu PC.

(3) O Sucmt, normalmente, permanece no PC.

(4) O Cmt controla a ação manobrando os fogos das armas orgânicas ou de apoio.

(5) Deve deixar os pormenores da conduta das unidades de ataque aos respectivos comandantes.

## 22. EMPRÊGO DA RESERVA

a) O momento do emprêgo da reserva é uma decisão crítica; em princípio, quando o escalão subordinado está detido e sem capacidade de manobrar, mesmo com o auxílio de fogos do escalão superior.

b) De preferência, emprega-se a reserva por unidade constituída.

c) A reserva para atender às previsões feitas deve situar-se num ponto lógico (em geral, inicialmente, à retaguarda da unidade que executa o ataque principal; posteriormente, poderá ser deslocado para trás da unidade que estiver progredindo mais rapidamente). Deve-se, sempre que possível, furtá-la aos ataques aéreos e protegê-la contra as incursões de blindados inimigos.

d) A reserva só se desloca por ordem do comandante.

e) A reserva deve ser empregada para executar uma ou mais das seguintes missões:

(1) Ampliar um envolvimento bem sucedido por uma unidade de ataque.

(2) Aproveitar o êxito de uma unidade avançada.

(3) Ultrapassar uma unidade do escalão de ataque:

— para mudar a direção do ataque;

— quando uma unidade de 1º escalão dá mostras de extrema fadiga ou exaustão (não deve ser utilizada para continuar o ataque de uma unidade detida pelo inimigo).

(4) Repelir um contra-ataque que ameace a continuação da progressão do escalão de ataque.

(5) Proteger a retaguarda do escalão de ataque.

(6) Proteger um flanco exposto.

(7) Apoiar o escalão de ataque com os fogos de seus petrechos pesados.

## II — A ENGENHARIA NO ATAQUE

### 1. MISSÃO DA ENGENHARIA

a) No ataque e na perseguição, a Eng tem por missão principal, facilitar o esforço ofensivo das forças amigas, particularmente na direção decisiva.

b) Nos preparativos do ataque, o esforço da Eng se concentra:

— no reconhecimento da posição inimiga, visando determinar a natureza e a importância dos obstáculos naturais e artificiais, em particular a localização e a extensão dos campos de minas;

— nos trabalhos de estradas, objetivando facilitar a reunião dos meios necessários e a tomada do dispositivo de ataque.

c) Durante o ataque, o esforço da Eng é concentrado:

— na abertura de passagens (trilhas e brechas) nos obstáculos, visando permitir o desembocar do ataque e facilitar a progressão;

— na manutenção da continuidade do trânsito nas estradas julgadas necessárias ao emprêgo de carros, aos deslocamentos da Art e outras armas de apoio, aos diversos movimentos de transporte, evacuação, etc.

d) No aproveitamento do êxito e na perseguição, o esforço da Eng se concentra no apoio aos elementos lançados sobre o inimigo, de modo a facilitar-lhes a rapidez de progressão, semelhantemente ao que se observa durante os movimentos.

### 2. RECONHECIMENTOS

a) Antes do ataque :

(1) Nesta fase continuam os reconhecimentos do terreno, visando completar os dados já existentes sobre a rede de estradas, os recursos locais, pontos de suprimento d'água, obstáculos, armadilhas e destruições realizadas pelo inimigo, etc.

(2) Entretanto, mais importantes do que êsses, são os reconhecimentos acionados sobre a posição inimiga, que têm a finalidade de assinalar e identificar seus obstáculos, particularmente os campos de minas (natureza, orla exterior, profundidade, limites laterais e intervalos existentes), facilitando a ulterior abertura de passagens através dos mesmos.

Patrulhas de Engenharia, protegidas ou não pela Infantaria, são enviadas, principalmente à noite, para realizar os reconhecimentos necessários.

Êsses informes serão completados, sempre que possível, pelo interrogatório de prisioneiros ou de civis, informes das tropas em contato ou pelos reconhecimentos aéreos.

b) Durante o ataque :

Os reconhecimentos avançam ao mesmo tempo que o ataque progride, tendo como finalidade principal:

— a localização de obstáculos no interior da posição inimiga;

— o conhecimento das condições das estradas, visando a escolha dos melhores itinerários para o movimento na área conquistada;

— conhecimento dos recursos locais que possam ser utilizados nos trabalhos de Engenharia.

c) *No aproveitamento do êxito e na perseguição :*

Os reconhecimentos de Eng continuam a ser acionados, seguindo, agora, as prescrições estabelecidas para o movimentos táticos.

### 3. NECESSIDADES EM TRABALHOS

a) *Trabalhos de estradas e pontes :*

(1) *Nos preparativos para o ataque*, êsses trabalhos visam facilitar a reunião de meios e a tomada do dispositivo, podendo compreender:

— os de REPARAÇÃO:

— desobstrução do leito da estrada pela remoção de escombros, barricadas, abatizes, etc;

— contornos de trechos obstruídos, pela execução de desvios;

— reconstrução de obras darte destruídas parcial ou totalmente;

— entulhamento de crateras ou zonas revolvidas do leito da estrada;

— levantamento de minas, armadilhas, rédes, etc;

— os de CONSERVAÇÃO;

— alguns MELHORAMENTOS, desde que seja necessário aumentar a capacidade de trânsito de determinados trechos para o ataque;

— a CONSTRUÇÃO de trechos de pista, pontes ou pontilhões, para facilitar os movimentos das tropas (Inf, Cav, Art e Carros) na tomada do dispositivo.

Os trabalhos de construção de pistas e de melhoramentos de estradas devem ser reduzidos ao mínimo indispensável, pela mão-de-obra que exigem.

Os trabalhos de conservação são permanentes, nas estradas que foram selecionadas e os de reparação visam eliminar, somente os novos estragos causados pelo inimigo.

(2) *Desencadeado o ataque*, a progressão vai-nos dando a posse do terreno até então em mãos do inimigo, devendo, pois, as estradas estarem bastante danificadas, principalmente os cruzamentos, as pontes, etc, não só pela ação de nossa Art, Av, etc, como, também, pela ação do inimigo que se retira.

Os trabalhos de REPARAÇÃO tomam maior vulto e os de CONSERVAÇÃO continuam. Os de construção e melhoramentos, além de eventuais, devem limitar-se, sempre que possível, ao escalão divisionário.

(3) *No aproveitamento do êxito e na perseguição*, predominam as necessidades de REPARAÇÃO e CONSERVAÇÃO, principalmente aquelas particularmente se o inimigo estabeleceu um sistema de barreiras para dificultar nosso movimento.

b) *Abertura de passagens nos obstáculos :*

(1) A abertura de passagens nos obstáculos criados pelo inimigo não é atribuição exclusiva da Engenharia, pois a Inf e a Cav possuem elementos orgânicos treinados para êsses trabalhos.

No ataque, entretanto, devemos contar, à frente da Posição de Resistência inimiga, com maior densidade de obstáculos, cuja remoção é superior às possibilidades das armas básicas.

Cabe, então, à Engenharia de apoio:

— cooperar na abertura das passagens (trilhas) nas rédes de arame e nos campos de minas, para a progressão das tropas a pé;

— alargar essas passagens (brechas) para o trânsito das viaturas e armas de apoio.

A oportunidade da abertura das passagens depende da situação e constitui um sério problema. Sempre que possível, os trabalhos são realizados à noite, sob a proteção da escuridão. Caso contrário, de dia, sob proteção de fumaça ou, neutralização das armas inimigas.

De noite, o processo é o da retirada a mão, sem alertar o inimigo; de dia, o processo do emprêgo de explosivos é o mais recomendável.

c) *Trabalhos de fortificação* :

(1) São, também, necessários, nas situações ofensivas. Na fase preparatória do ataque eles compreendem, principalmente, instalações para o Cmto e para a observação, obstáculos para a proteção dos flancos e partes da frente onde não se vai atacar; cabe à Eng, os que exigem pessoal e equipamento especializados.

(2) Durante o ataque, êsses trabalhos têm lugar para a proteção dos flancos expostos e, nas paradas, para cooperar na manutenção do terreno conquistado.

#### 4. ENGENHARIA DIVISIONÁRIA NO ATAQUE

a) *DI* :

(1) O apoio é prestado pelo seu BE Cmb Orgânico, geralmente apoiado pelo escalão superior. As necessidades em trabalhos, após desencadeado o ataque, são geralmente superiores às possibilidades dos meios orgânicos da ED e se acentuam à proporção que a Zona da Divisão se aprofunda.

O escalão superior apoia a Divisão quer tomando a seu cargo os trabalhos na Zona da retaguarda da Divisão, quer realizando trabalhos específicos na sua Z Aç.

Quando a Divisão é reforçada, particularmente em meios blindados, geralmente a ED também o é (1 BCC — 1 Cia E; 1 Cia de Carros — 1 Pel E).

O LAT/ECEX cerra sôbre a Divisão, à proporção que o escalão de ataque vai atingindo seus objetivos.

(2) *Desdobramento*.

Normalmente o valor de 1 Cia E em apoio direto a cada RI de 1º escalão, de preferência sempre a mesma Cia apoiando o mesmo RI.

O restante da ED, ficará em Ap Cj, mantendo-se:

1 Cia E Cmb — com encargos de apoio à reserva ou outros que não prejudiquem ou atrasem sua entrada em ação.

1 Cia E Cmb — geralmente nos trabalhos específicos das estradas.

b) *DC* :

No ataque centralizado de uma DC, a Eng normalmente, atua com elementos em apoio direto às peças principais da manobra da DC, com o valor normal de 1 Pel E Cmb por RC.

O restante do BE Cmb em Ap Cj, assegura a progressão dos demais elementos, em condições de apoiar a reserva e aumentar o apoio de 1º escalão.

No ataque *descentralizado* normalmente *reforçará* as peças principais da manobra e o restante permanecerá em Ap Cj.

c) *DB* :

Geralmente 1 Cia EB, integra 1 GT blindado; o restante do BEB em *apoio ao conjunto* assegura o deslocamento do restante da *DB*.

*Nota* — O valor definitivo da E de Ap Dto ou refôrço resulta do Estudo de Situação feito pelo ED e submetido à aprovação do Cmt Div.

## 5. A ENGENHARIA COM AS UNIDADES DAS ARMAS

a) *Apoio no ataque e na perseguição* :

No ataque, por tratar-se, em princípio, de uma operação centralizada, o apoio da Eng é feito sob a forma de apoio direto. Na perseguição, geralmente *descentralizada*, sob a forma de refôrço, semelhante ao caso dos movimentos táticos.

b) *Missões* :

A missão principal da Eng no ataque é facilitar a progressão da U apoiada. Para isso, ela se encarrega da abertura de passagens nos obstáculos, trabalhos nas estradas e outros que concorram para a proteção da tropa apoiada durante o ataque e após a conquista do objetivo.

Isto exige que a Engenharia progrida com os primeiros elementos de escalão de ataque, ou mesmo, em casos especiais, à sua frente.

c) *Desdobramento* :

(1) Quando a Engenharia está em *apoio direto* a uma unidade que ataca, seus elementos poderão ser desdobrados da seguinte maneira:

— parte em apoio ao 1º escalão, sob a forma de *apoio direto*;

— o restante em "*apoio ao conjunto*", recebendo missões específicas (geralmente conservação de estradas — em condições de apoiar a Reserva).

Este elemento de *apoio ao conjunto* poderá aumentar o apoio ao 1º escalão, se necessário.

(2) Quando a Engenharia está em refôrço, seus elementos poderão ser desdobrados:

— parte em *apoio direto* ou *refôrço* ao 1º escalão da unidade, segundo o grau de *centralização* da operação;

— o restante em *apoio ao conjunto*, como no caso anterior.

(3) *Trabalhos*

Os trabalhos que se apresentam mais comumente são:

(a) *Abertura de passagens nos obstáculos*

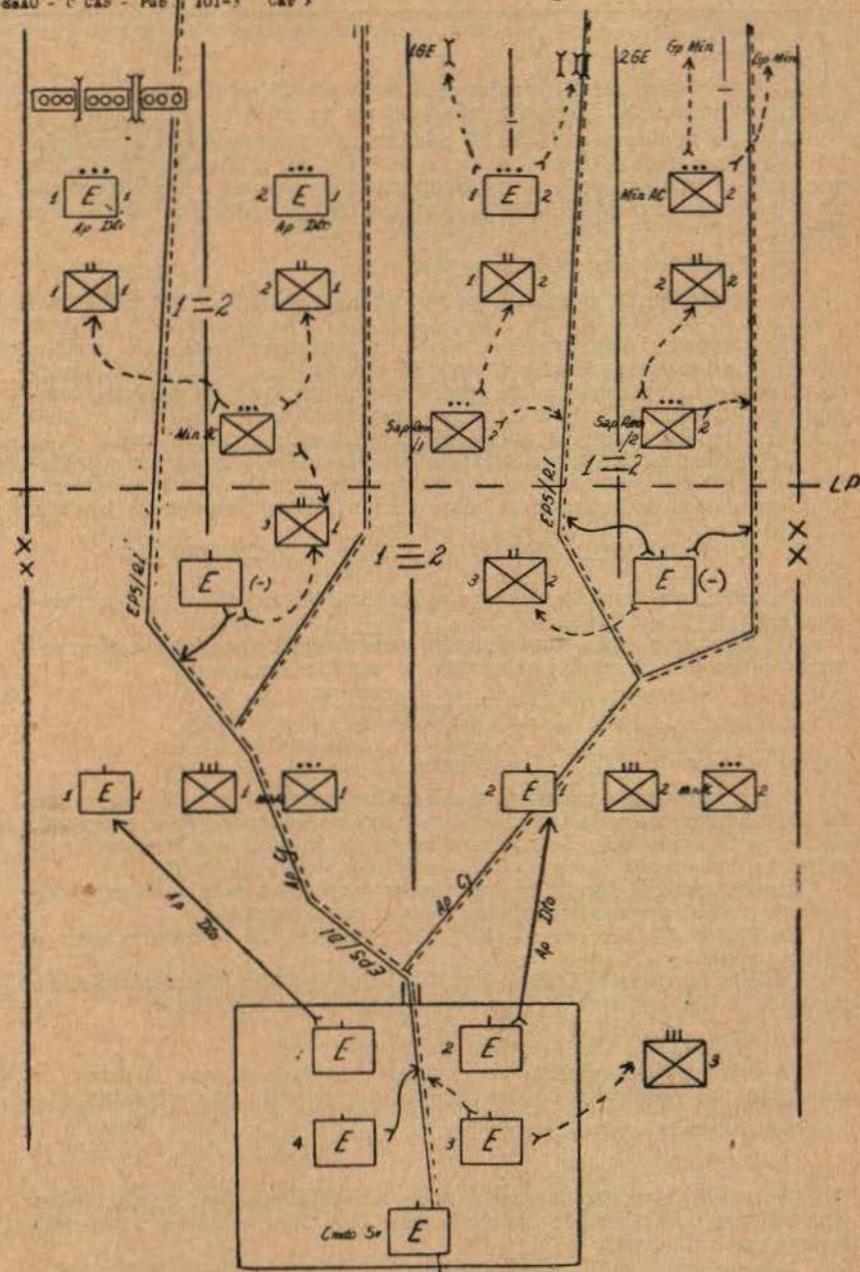
No caso de *campos minados*, o número de passagens é variável, sendo função do valor do obstáculo e dos elementos que devam transpô-lo.

Normalmente há necessidade de:

*Trilhas*

— 1 de 1,20m para cada Cia Fzo de 1º escalão (no mínimo);

— de preferência, 1 trilha por Pel Fzo de 1º escalão.



### Brechas

— 1 de 7,20m por BI ou Cia de Carros em 1º escalão (para a passagem das armas de apoio, carros e demais veículos);

— 1 de 14,40m por RI de 1º escalão, assegurando dupla circulação.

O efetivo exigido, normalmente, é de 1 GE por trilha, e 1 Pel E Cmb por brecha. Também podem ser empregados os Grupos e Pelotões orgânicos tanto dos Pel Min AC/RI, como dos Pel Sap Rem/BI ou dos Pel Sap/RC.

### b) Trabalhos nas estradas e pontes :

Visam facilitar a progressão do escalão de assalto e das armas que o apoiam.

Esse trabalho é progressivo, isto é, a reparação é feita de modo a assegurar a passagem, mesmo em condições precárias, do elemento apoiado diretamente interessado; em seguida, a Engenharia de *apoio ao conjunto* melhora esses trabalhos para a passagem de seus elementos, particularmente das armas de *apoio, dos suprimentos e evacuações*.

Os elementos de ataque transportam em suas *viaturas*, ou em *viaturas de reforço*, material para a reparação de estradas e estabelecimento de passagens de emergência sobre cursos d'água de pequena largura.

## 6. APROVEITAMENTO DO ÊXITO E PERSEGUIÇÃO

Passamos ao domínio das operações descentralizadas, onde a velocidade é fator importante.

A Engenharia apóia o movimento, geralmente *reforçando* os elementos lançados em 1º escalão mantendo o restante em *Ap Cj*.

## 7. SUPRIMENTOS

### a) Classes II e IV — Engenharia :

O suprimento de material de Engenharia de maior vulto se refere às necessidades para os trabalhos nas *estradas e pontes*. São, em geral, obtidos pela exploração de recursos locais ou trazidos em *viaturas* (madeira de construção, bueiros, telas metálicas, sacos de areia, etc).

Quanto maiores forem as destruições executadas pelo inimigo, tanto maiores serão as necessidades de material para reparação.

Os P Sup C1 II e IV — Eng, do Exército, são levados o mais à frente possível.

Quando necessário, é aberto na Div um Ponto de Distribuição desse material, a fim de atender, com mais rapidez, às necessidades.

### b) Classe V :

As necessidades referem-se a minas e explosivos para abertura de passagens nos obstáculos e desobstrução e reparação nas estradas.

### c) Outros suprimentos :

#### (1) Água

Os P Sup Agu são abertos o mais à frente possível, guardando-se uma reserva para abertura oportuna de P Sup Agu à frente, atendendo à progressão da tropa.

#### (2) Cartas

Normalmente são fornecidas antes do ataque, cobrindo a região de operações em poder do inimigo.